

Tabela 1. Principais estudos elencados sobre as diferentes concepções teóricas abordadas.

Categoria	Referência	Contribuição	
Fonologia autosssegmental	Goldsmith (1976)	Traz a proposição da teoria da fonologia autosssegmental, a partir da investigação do tom.	
	Mateus (2001)	Faz uma revisão dos estudos da área da fonologia realizados em Portugal, a partir da obra de Chomsky e Halle (1968).	
	Matzenauer (2005)	Descreve a teoria fonológica gerativa, com os modelos lineares e não-lineares.	
	Pagliariin, Keske e Soares (2007)	Realizam uma revisão da literatura sobre os modelos terapêuticos utilizados na terapia fonológica com abordagem contrastiva: pares mínimos: oposições máximas e oposições múltiplas.	
	Matzenauer (2008)	A partir dos dados de aquisição fonológica atípica de um sujeito em terapia fonológica, discute a construção do sistema consonantal baseada na Teoria autosssegmental, destacando a generalização.	
	Barberena, Keske-Soares e Mota (2008)	Analisa, a partir de dados, a generalização nas relações implicacionais com o uso dos modelos ABAB retirada e provas múltiplas na terapia de sujeitos com desvio fonológico.	
	Matzenauer e Miranda (2012)	A partir de dados da aquisição normal de fala, discute a aquisição de unidades da fonologia (sílabas, segmentos e traços) utilizando o suporte de modelos teóricos da fonologia.	
	Bagetti, Ceron, Mota e Keske-Soares (2012)	Através dos dados de terapia fonológica baseada em traços distintivos por meio do modelo de oposições máximas modificado, discutem as mudanças fonológicas no inventário.	
	Teoria da otimidade	Prince e Smolensky (1993)	Obra precursora da OT. Neste capítulo a teoria (OT) foi mencionada pela primeira vez.
		Battisti (1997)	Primeiro trabalho no Brasil à luz da OT. Estudou a redução dos ditongos nasais átonos de acordo com a abordagem baseada em nasalização no PB.
McCarthy e Prince (1999)		Obra clássica da OT que apresenta as restrições possíveis, como as de fidelidade (Teoria da correspondência).	
Bonilha (2000)		Dissertação de mestrado que teve o objetivo de investigar a aquisição dos ditongos orais decrescentes no PB, com base na teoria da otimidade.	
Simioni (2002)		Analisa como ocorre a atribuição do acento em PB quando estão envolvidas palavras com vocóides altos antecedentes ou sucedidos por uma vogal.	
Bonilha (2005)		Tese de doutorado que objetivou resgatar as raízes conexionistas da teoria da otimidade, eliminando no funcionamento da teoria com base na aquisição fonológica do Português os aspectos gerativos propostos na OT standard, e sugere reformulações.	
Dinnsen e Gierut (2008)		O capítulo esboça alguns fundamentos da OT e, em seguida, destaca as contribuições da teoria. Realiza também uma revisão de literatura contemplando os trabalhos realizados como enfoque na OT.	
Leitão e Bonilha (2010)		Discutem as dificuldades fonológicas encontradas na aquisição de fricativas interdentalis por falantes brasileiros aprendizes de inglês como segunda língua à luz da OT.	
Battisti e Dornelles Filho (2010)		Analisa casos de epêntese encontrados em dados de aquisição da linguagem sob a luz da OT. O fenômeno pode ser também encontrado no sistema holandês, confirmando que os estágios de desenvolvimento das gramáticas das crianças imitam a diversidade encontrada na tipologia das línguas.	
Bisol (2010)		O trabalho revê as diferentes interpretações e análises do diminutivo e faz-se a análise na linha da OT. A autora sugere que o morfema-zinho emerge para satisfazer exigências estruturais.	
Matzenauer e Alves (2010)		O trabalho tem seu foco na análise de lacunas em inventários fonéticos de três sistemas e dessa forma discute a formalização da marcação na OT (centralizando a discussão na caracterização de restrições de marcação específicas de modo).	
Keller (2010)		Apresenta uma análise do mapeamento dos encontros consonantais em ataque silábico em PB no âmbito da OT. A autora propõe hierarquia de restrições que regula a distância de sonoridade entre segmentos em ataque complexo e também uma restrição para controlar a distância entre segmentos em sílabas adjacentes.	
Alves e Matzenauer (2012)		Propõem um modelo de formalização de co-ocorrência de traços na representação de restrições.	
Matzenauer e Miranda (2012)		O artigo teve o objetivo de apresentar uma discussão sobre o fenômeno da aquisição da fonologia, inclusive explicitar o processo de desenvolvimento linguístico à luz de modelos teóricos da área de fonologia.	
Fonologia de uso		Pierrehumbert (2003)	A fonologia de uso estabelece importantes relações entre a fonologia e o léxico.
	Bybee (2006)	A frequência tipo é a frequência de um padrão no léxico, está associada à produtividade de determinado padrão, garante que uma determinada construção seja usada frequentemente, fortalecendo seu esquema representacional. A frequência de ocorrência promove o fortalecimento e a conservação de formas irregulares e idiomáticas.	
	Bybee (2005); Johnson (2007)	A teoria dos exemplares é um modelo representacional para a fonologia de uso. Nesse modelo, todas as amostras são armazenadas, criando categorias que representam as variações encontradas no uso e no processamento da língua.	
	Bybee e Cacoullos (2008)	Englobam o papel dos fatores lexicais, tais como frequência de palavras e densidade fonológica em mudanças de padrões na produção fonológica de crianças com atraso fonológico funcional.	
	Bybee e Rena (2008)	Há distinção entre dois tipos de frequência: a de 'tipo' (<i>type frequency</i>) e a de 'ocorrência' (<i>token frequency</i>). Ambos os tipos de frequência exercem um papel fundamental no armazenamento e na categorização dos itens linguísticos, além de grande impacto na produtividade de padrões, tipo e frequência de ocorrência.	

Tabela 1. Cont.

Categoria	Referência	Contribuição
	Silva e Campos (2009)	O efeito de frequência de tipo explica por que os falantes generalizam padrões morfológicos de determinados verbos.
	Gomes e Manoel (2010)	A Fonologia de Uso explica, por exemplo, o uso alternativo de formas flexionais de plural em nomes com plural regular e plural em -is. Os resultados obtidos revelaram a importância da experiência de uso com as formas flexionadas em questão e que crianças e adultos usam inferência probabilística para estabelecer padrões morfológicos.
	Guedes e Gomes (2010)	Consideram um sistema fonológico emergente das representações das palavras no léxico, organizado de acordo com similaridades semânticas e fonéticas.
	Arrizabalaga (2011)	É destacado o embasamento pela fonologia de uso em estudo sobre a gramática e o uso de orações. Refere de extrema relevância a pragmática na dinâmica de trocas e emergência da língua.
	Haupt (2011)	na fonologia de uso e na teoria dos exemplares, os fenômenos fonéticos são parte inerente ao léxico e ao sistema fonológico.
	Engelbert (2012)	Demonstra que pareceu acontecer a co-ocorrência dos exemplares foneticamente semelhantes produzidos pelos aprendizes durante o processo de aquisição do Inglês como segunda língua (L2).
	Yupanki e Valenzuela (2013)	Analisam valores semânticos em narrativas de experiências pessoais, sugere que a aplicação do pretérito perfeito composto em variantes do Espanhol Peruano se relaciona com o intenso contato linguístico dessa variedade, assim como o sexo, nível de escolaridade e grau de exposição a variedades urbanas dos participantes.
Fonologia gestual	Browman e Goldstein (1992)	Importante publicação que concede contribuição às noções iniciais que circundam a concepção teórica da fonologia articulatória.
	Levy (1993)	A partir de análises do traço vozeado de crianças com "distúrbio articulatório", a autora oferece uma nova constatação aos estudos fonológicos, a ideia de que algumas produções identificadas como erros de fala eram frutos de imensos esforços musculares e fonoarticulatórios.
	Albano (2001)	Propõe a fonologia acústico-articulatória.
	Silva (2003)	Exibe os pressupostos da fonologia articulatória, buscando observar como se dá a "tradução" do gradiente no simbólico, fazendo uma breve apresentação do modelo.
	Pouplier e Goldstein (2005)	Observam uma tendência de ocorrência de gestos intrusivos em comparação a uma redução da magnitude gestual. Tais "erros" ocasionam assimetrias perceptuais nos ouvintes conforme o tipo de segmento.
	Rodrigues (2007)	A partir do ponto de vista teórico da fonologia gestual, a autora investiga o processo de aquisição dos róticos por duas crianças com desordem de fala. Seus achados permitem confirmar a existência de contrastes fônicos encobertos durante o processo de aquisição do sistema fônico. Também, promove uma reflexão sobre a prática clínica fonoaudiológica nesses casos.
	Van Lieshout e Goldstein (2008)	Realizam um panorama geral sobre a origem e definições básicas da fonologia articulatória, também discutem dados de outros estudos que defendem a ocorrência de sobreposição gestual e situações de erros e desordens de fala, por fim, elencam possíveis direcionamentos futuros da teoria.
	Hodson e Jardine (2009)	Realizam uma reinterpretação dos dados de fala de uma criança com fala ininteligível à luz da fonologia gestual, investigando o movimento articulatório por meio de pistas acústicas. Os autores observam uma dificuldade no controle da força fina e no tempo de articulação. Com isso, fornecem ainda recomendações ao tratamento, incorporando os princípios da fonologia gestual e da teoria dos sistemas dinâmicos.
	Berti (2010)	Comprova a presença de contrastes encobertos nos erros de substituição das oclusivas /t/ e /k/, tanto em dados de crianças em aquisição típica, como em aquisição desviante. Além disso, salienta as diferenças na produção da fala infantil no emprego de pistas fonético-acústicas para marcarem o contraste.
	Munson et al. (2010)	Apresentam estudos os quais confirmam a existência de contrastes encobertos na fala infantil. Também analisam alguns achados os quais sugerem que a informação auditiva por si só não pode ser a única base para julgar a exatidão de um som.
	Albano (2012)	Traz uma explanação acerca da teoria dos sistemas dinâmicos, com o intuito de introduzir os avanços da fonologia gestual e modelos dinâmicos a partir do ano 2000.
	Freitas (2012)	A proposta deste trabalho consiste em resgatar marcas da reorganização fônica em crianças com transtorno fonológico, à luz da fonologia gestual. Em especial, marcas que evidenciem uma relação entre fluência oral e processos fônicos. A partir de seus resultados, constata uma provável não separação entre a tarefa motora e sua representação, bem como a existência de uma estreita relação entre produção e percepção.
	Rinaldi e Albano (2012)	Expõem dados que comprovam o fenômeno dos contrastes em estabilização (e suas gradiências), subsidiados pela análise acústica e fonologia gestual.
	Berti (2013)	Inicialmente a autora realiza uma exposição de algumas noções fundamentais à ultrassonografia do movimento de língua e à fonologia gestual. Na sequência apresenta uma análise ultrassonográfica exploratória dos "erros de fala" infantil, respaldada pela interpretação teórica da fonologia gestual.
	Melo e Mota (2013)	Apresentam uma revisão de literatura sobre o emprego da ultrassonografia da imagem de língua como análise dos de fala, mais especificamente dos segmentos plosivos, tendo por base a teoria da fonologia gestual.